

# A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração  
LADREIRA DO CARMO No 7  
Expediente à noite

ASSINATURAS:  
Número avulso \$100 -- Semestre \$600  
Ano 100000 -- Pacote 12 exemp. 24000

Toda correspondência, vales e registros  
devem ser endereçados à Caixa Postal, 195  
S. Paulo -- Brasil

## Ontem, hoje, amanhã e sempre "A PLEBE" aos seus amigos

PRECISAMOS DESENVOLVER A PROPAGANDA LIBERTARIA

Como dissemos em um dos nossos numeros anteriores, o desenvolvimento da propaganda depende mais da boa vontade, da dedicação e do querer dos camaradas de que de outros fatores. O jornal é, indiscutivelmente, bem aceito entre o povo leitor. Entre os trabalhadores poucos são, entre os que sabem ler, que não gostem da leitura de "A PLEBE". Entre a classe média, revolvida como está pelo turbilhão da vida, também encontra boa acolhida por propagar e defender um principio de equidade e de justiça que em absoluto não existe em paz nenhum, e que o sistema capitalistico e burguez em que vivemos não pode e não poderá proporcionar.

E esse sentimento de solidariedade e de igualdade existe latente em todos os corações, mais grado todas as forças reacionarias se esforçarem por procurar aniquilar no homem esses sentimentos nobres e generosos que o caracterizam.

Portanto, depende da boa vontade e do espirito de sacrificio de todos os nossos amigos, virem em nossa ajuda material, para podermos continuar sem interrupção a obra "A PLEBE" iniciada há já oito mezes. Quem tenha dinheiro de subscrições envie-o; quem dever a sua assinatura deve mandar pagá-la, quem tiver vontade e puder fazer correr listas a favor do jornal, deve pedi-las e recolher rápido o que angariar e remeter para cá.

Costa-nos estar constantemente a bater, a malhar o mesmo estribilho, mas todos sabem que sem dinheiro a tipografia não imprime o periódico, nem o Correio o distribue, nem o senhorio cede a sala da redação.

E' pois, necessario, que todos cumpram o seu dever como nós cumprimos o nosso.

### Dois espetáculos simultâneos

## O passado e o futuro

Alegre domingo. Sol primaveril, atmosfera quente, céu fundo e azul, horizontes extensos, desejo profundo de aspirar largos haustos de ar puro em meio à relva dos prados ou dos parques e jardins, em directo contacto com a natureza que parecia a todos atrair e chamar ao seu convívio com a verdura da sua grama, das suas plantas e árvores.

Pois neste dia assistimos a dois cenários bem diferentes e que bem representam duas épocas em choque, duas concepções de vida, duas formas de educar a humanidade e que mutuamente se repelem.

Primeiro quadro. O centro da cidade invadido e ocupado por milhares de crianças à espera de se incorporarem à procissão, infiltraadas atrás de estandartes, recitando rezas, entoando cânticos religiosos, sérias, si-zudas e graves, palmitando a cidade durante 4 ou 5 horas seguidas, cabibaixas, incanientes, representando um papel para que foram ensaiadas sem noção ou consciência do que aquilo tudo representa ou que valor e utilidade passa ter. Este quadro representa o passado de trevas, de ignorância, de fapatismo religioso cego e intolerante.

Segundo quadro. Deixando o centro, descendo à várzea do Carmo, o actual parque Pedro II, deparou-se-nos ali um cenário radioso, são e jovial, bem diferente do primeiro. Também ali se reuniam milhares de crianças, mas estas crianças álares e gárgulas como viveiros de passarada, não mantinham a postura das primeiras, não estavam em linha, enfileiradas à voz de comando de preceptoras zolozas e beatas, mas tinham gestos livres; corriam, saltavam, balançavam-se, penduravam-se, rodavam em todos

os sentidos em volta do aparelhamento de engenhos lá instalados em boa hora por um perfeito benemerito que se lembrou de dotar aquele logradouro publico com um recreio onde as crianças possam acorrer, divertir-se e fazer a ginástica sã e alegre, de se desenvolver fisicamente, brincando, rindo, dando gritos de contentamento, proferindo interjeições de prazer e de satisfação, todas risosas e coradas pela emoção recebida, pelo esforço e exercício feitos.

Pois bem. Este é o quadro do futuro. E' aqui, em perfeita camaradagem, sob a copa das arvores benéficas e magnificas, respirando um ar puro e lavado, recebendo o banho morno e carinhoso dos raios solares, executando a ginástica sádia, livre e irregular do brinquedo, rindo, saltitando, movendo-se em todos os sentidos, experimentando as proprias forças, caindo mesmo às vezes, é neste ambiente salubre, alegre, comovedor que se forja a humanidade do futuro, uma humanidade mais sã física e moralmente, mais tolerante, menos dogmática e mais progressiva. E' aqui neste núcleo, e esperemos que bem depressa se multipliquem por S. Paulo inteiro, pelo interior e pelo Brasil todo, que se elabora na infancia de hoje a moçada robusta e viril de amanhã, a juventude sã e otimista que se baterá galhardamente pelos ideais de liberdade, pelos programas de renovação social, porque já foi dito que só os corpos sãos podem pensar digno e elevadamente.

E não se já recomendar a todos os pais e mães que levem lá as suas crianças, pois que está à sua disposição todos os meios e para elas foi criado.

A. DE CARLOS.

Os anarquistas vivem com os olhos fixos no futuro, mas, como homens da actualidade, com particular interesse na sociedade presente, como membros da moderna colectividade, não podem nem devem alheiar-se da vida que os rodeia, dos problemas concernentes a toda a humanidade, do ambiente diario de luta, de trabalho, de pugna assidua pela liberdade, de batalha interminável por todas as conquistas que impõem os homens para melhores destinos, para tempos mais propícios, para épocas de mais harmonia, de mais equilibrio moral, mental e económico, para fins e alvos cada vez mais heróicos, mais generosos e mais solidarios para todos.

Se assim não fizermos, repetiremos a façanha do astrólogo que, com o globo assastado nas vastidões siderais, não viu o poço que estava aberto à sua pé e onde se despeçou e afogou.

E' assim que não negamos o nosso concurso dentro dos sindicatos ou as associações de resistencia de que fazemos parte, nem ao grupo de afinidades que nos congrega, nem ao jornal que seja porta-voz de nossas aspirações mais queridas, de nossas anímas mais insopitáveis, de nossas reclamações mais urgentes ou de nossas ideias mais prediletas.

O anarquista é, precisa ser, deve ser um espirito dinámico e irrequieto que se encontre em todos os lugares onde se agitem ideias: no comício, no sindicato, no jornal, na praça publica, na oficina, no lar familiar, na propria barricada quando motivos imperiosos a isso impeliam, levando a toda a parte o seu exemplo combativo, a sua palavra esclarecedora, o seu entusiasmo e optimismo nunca deimentidos.

Onde se pugna pela liberdade: onde se debatam problemas referentes ao progresso social e à prosperidade geral, onde se luta por uma sociedade de mais dignidade e moralizada que a presente, onde se combata por elevar o povo a um mais alto grau económico, de bem geral para todos, onde se precavossem os mais caridosos métodos de educar as crianças — os futuros homens e mulheres — o anarquista tem ali o seu lugar marcado, o seu posto reservado, e não há substituição que possa desculpar a sua ausência. Tem ali o seu lugar para animar, orientar, esclarecer, dissipar dúvidas, arredando embaraços, ajudando ao accordo e à luta comum.

Os anarquistas temos o dever indelével a obrigação indelével de marchar à frente do carro do progresso, levando e impellido a caravana do ideal sempre mais para cima e sempre mais para a frente, isto, é claro, sem nos esquecermos de que somos anarquistas e sem o occultarmos a quem quer que seja e sem reconhecermos nunca ao triunfo de nossas ideias, com adesões extemporâneas a outros partidos — o que seria negar o nosso — e sem claudicações injustificáveis e incompatíveis com o nosso carácter e com a integridade de nossos principios e cores ideais.

Há, por exemplo, diversos partidos, mais ou menos progressistas, mais ou menos revolucionarios. Quando se trata de eleições ou de eleições e pro-

paganda eleitoral, os anarquistas não estão em casa. Têm muito mais em que cuidar. Têm os seus problemas, que são os principios anarquistas, a estudar, as suas teorias a discutir, os seus métodos de luta a propor e a propagar. Esquecer os interesses do seu ideal — a Anarquia — pelos interesses de partidos outros, comportaria a trair os seus ideais, a renegar a sua doutrina, a abandonar os seus amigos e as suas ideias.

Agora, tratando-se duma luta de fato, duma revolução na rua, o anarquista não tem que hesitar, nem que perder tempo, ciente de que ela tem por fim dar um passo a frente, derrubando, não toda a podridão, mas uma parte dela, o anarquista acode à luta e esforça-se por levá-la o mais longe possível, por impeli-la o mais que puder no sentido de mais liberdade, de mais respeito mutuo, de mais desafogo nas relações sociais e de mais equidade nas relações morais e económicas entre a colectividade de que fizer parte.

Alto-lar-se, não fazer isto, fugir ao embate da luta, negar o seu concurso a troco de que "não é a nossa Revolução", manter-se isolado da vida tempestuosa das sociedades, na contemplação do proprio umbigo, com a desculpa evasiva de que "são todos e mesmo" e de que a humanidade é reincidente no erro e de que não acalha por abrir os olhos, pode ser uma posição cómoda e hídica, mas de anarquista, no nosso humilde entender, não tem nada, absolutamente nada.

Porque, reparem bem, andar a pregar revolução e, quando ela chega e nos bate à porta, apresentar desculpas para a não secundar, esquivar-se

## O Edifício Social

Em frente a um edificio velho, feio, incómodo, húmido e sem ventilação, estavam uns quantos homens discutindo.

Um individuo de chapéu cilíndrico, luvas e bengala, dizia:

— Compendo o que dizem. Também eu vejo que o edificio não é perfeito, mas as pequenas falhas que temos pouco a pouco as irei atenuar. Também paciência, esperem, que eu não sou tão mau como me pintam.

Outro sujeito, vestido decentemente, com o livro de democracia debaixo do braço, toma a palavra e diz:

— A construção está a derrubar-se. Os operarios que tenham de habitá-la devem viver em segurança. E' indispensavel collocar-lhe boas escoras, uma lei tirante aqui, um decimo-tava acia, aquele canto grelhado necessita reparar-se com fortes cadeias. Desta forma garanto que os operarios se conformarão e teremos edificio para muitos anos.

Outro homem com aspecto de rude trabalhador, tostado pelo sol, de bigos e bigodões, disse resolutamente:

— Nada de paliativos, nada de esperanças e ilusões, nem de remendos, que não fariam mais que perpetuar o actual mal estar de seus habitantes. Já que o edificio está para cair, ha que deitá-lo abaixo e construir outro bonito e ventilado, seco, cómodo, com

ao deves de concorrer para enquadrar a sociedade em moldes mais racionais e mais consentâneos com as necessidades individuais e colectivas, a título de que sim e de que também, é assumir a mais contraditória attitude, é de mentir de modo formal o seu nome de revolucionario.

O papel de sibarita não se coaduna com a dinâmica anarquista, com a inquietude libertaria. A Anarquia não é um sonho, não é uma utopia, não é uma quimera. E' a vibratibilidade corporificada, constante, a luta permanente, o movimento pleno, a acção diaria encaminhando-se para o ideal e realizando-o dia a dia, pouco a pouco, ora paulatinamente pela evolução, pela educação, pela persuasão, ora repentina e fragorosamente pela revolução armada e fulminante!

Cada tropeço arreado, cada conquista obtida, cada consciencia libertada, cada vantagem auferida, nos aproxima d'esse ideal de perfeição, e mais perfeito que a mente humana conceben e que a futura humanidade atingirá em futuro não muito remoto.

E' preciso, pois, que nos capacitemos do papel que a cada um nos compete representar o mais coerentemente possível e que tenhamos a compreensão de nossos deveres e responsabilidades na hora que passa, uma das mais graves da Historia. Que cada um e todos em conjunto saibamos agir nos momentos oportunos e pela maneira mais sensata e oportuna também.

Ontem, como hoje, amanhã como sempre, devemos lutar para impulsionar a Revolução Social para a Liberdade para a Igualdade, para a Anarquia.

todas as reformas indicadas pela consciencia e de acordo com o gosto e a vontade dos proprios indivíduos.

— Nicol' barbano. — contestaram em unissono os dois homens que tinham falado anteriormente — isso seria um desastre, um caso. Obedeça-nos.

— A minha ideia parece-me mais acertada. Se os senhores não estão de acordo com ela, apelaré para a opinião dos trabalhadores, que são forçados a habitá-la e ao que eles disserem me aterei.

Ainda bem não tinha acabado de falar, o homem das luvas e bengala tira dinheiro da carteira e o dá a dois laçados para que estes agafrem ao obreiro, um por cada braço e o conduzam preso e o deixem incommunicavel por subversivo.

Enquanto isto, o outro individuo fica tranquilamente folheando o código, esperando encontrar uma lei com que possa sanar o conflito e restabelecer a harmonia, entre o rico e o pobre.

E ainda hoje continua empenhado em encontrar a solução pacifica e segura, já há procurando inutilmente até que os trabalhadores escravizados do ignominioso edificio social, deem pelo logro e revoltados se sublevarm e o derrubem e aos indignos proprietarios também.



# O dr. Pontes de Miranda e o anarquismo

## A proposito do seu livro "Anarquismo, Comunismo, Socialismo"

Os anarquistas desconfiam da obra de um autor que, embora seja doutor em Direito, não foi nem deputado nem senador e nem sequer participou em qualquer movimento de resistência política. Mas, no entanto, o livro de Pontes de Miranda, "Anarquismo, Comunismo, Socialismo", publicado em 1929, tornou-se uma das obras mais importantes da literatura política brasileira da época. O autor, que era um dos líderes do movimento anarquista no Brasil, abordou temas fundamentais da luta social, como a propriedade, o trabalho e a distribuição da riqueza. Sua análise crítica da sociedade brasileira, baseada nos princípios anarquistas, influenciou profundamente a consciência popular e os debates intelectuais da época.

O que nos mostra a experiência de Pontes de Miranda é a necessidade de uma revolução social profunda. Ele defende que a verdadeira liberdade só pode ser alcançada através da abolição da propriedade privada e da instituição de uma sociedade baseada na cooperação e no trabalho comum. Sua obra é uma crítica contundente ao capitalismo e ao Estado, propondo um caminho radical para a transformação social. Pontes de Miranda não apenas descreve a realidade brasileira, mas também oferece um plano claro e prático para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Seu livro continua sendo uma leitura essencial para quem busca compreender as raízes dos problemas sociais e as possibilidades de transformação.

de social" se tratasse de condenar a realidade política de uma época e não de apontar um caminho para a mudança.

O livro de Pontes de Miranda é uma obra que vai além da simples análise teórica. Ele oferece um guia prático para a ação anarquista, discutindo estratégias de luta e a importância da educação popular. Pontes de Miranda defende que a revolução não é um evento único, mas um processo contínuo de transformação social. Seu livro é uma chamada para a ação coletiva e para a construção de uma sociedade baseada na solidariedade e no respeito mútuo. A obra de Pontes de Miranda é um legado valioso para o movimento anarquista brasileiro e para todos aqueles que lutam por uma sociedade mais justa e equitativa. Sua crítica contundente à realidade brasileira e suas propostas revolucionárias continuam inspirando a luta social e política de hoje.

# QUE É ANARQUIA?

A Revolução Social tem por objeto não somente a apropriação por todos os homens dos meios de produção, mas também das mercadorias, casas, alimentos, roupas, etc.

Todos os meios de produção como as mercadorias e outros objetos de uso comum são frutos do trabalho de toda a humanidade. Se uma parte considerável destes produtos se acumulou em mãos de uma pequena minoria, a estrutura da sociedade moderna permitiu a uns poucos explorar a maioria. Mas estes produtos devem, portanto, converter-se em patrimônio comum nas mesmas condições que as coisas de produção.

Não compreendemos porque o material produzido que atualmente se encontra em poder de um fabricante deve continuar a ser propriedade sua. Não compreendemos porque razão se possa difundir em benefício da sociedade a parte do combustível destinado a alimentar as máquinas e não se possa tocar naquilo que é destinado a aquecer as casas dos operários que trabalham nestas máquinas.

Uns e outros produtos obtidos pelo capitalismo pelo mesmo meio a exploração constante dos trabalhadores e estes produtos são tão necessários à vida dos homens como o outro.

Porque razão se pode apropriar o trabalho para a máquina e não se possa apropriar o trabalho para os operários? Porque o trabalho, não é a máquina humana é incapaz de menor esforço, é excluído das obrigações sociais dos trabalhadores, pergunta Kropotkin.

A roupa, o calçado, a comida, o combustível, são tão necessários aos produtores como o alimento. Para o homem que trabalha, uma habitação adequada e iluminada é tão indispensável como uma ferramenta ou uma máquina. A água e o ar puro, com os quais o operário não pode ir para a fábrica, o calado que vestirá ao fim da jornada e a comida que resguarda a cabeça são tão necessários como o material e a máquina.

O Anarquismo deve, na prática, ser realizado integralmente. Se alguns produzem uma quantidade de produtos que supra em muito o próprio consumo, é necessário que um homem normal, esta parte superflua (sempre que haja excedentes de produtos) deva ser convertida em patrimônio comum e repartidos estes produtos entre os mais necessitados.

Isa que distingue entre mercadorias e objetos de uso privado. Estes objetos poderão ser requisitados somente em caso de muita necessidade e sempre a condição de deixar aos seus possuidores uma parte deles para seu próprio uso e de desejar que todos tenham tudo que precisam e tudo que lhes seja necessário para uma vida sadia e racional, e que ninguém tenha razão de queixa ou motivo para invejar os outros.

A Revolução Social é possível e é possível que os povos da Europa e da América estejam próximos dela. Esta aproximação da Revolução Social era prevista até pelo seu adversário "por princípio, o anarquista-comunista León Tolstoy, o qual repeliu toda a violência, mesmo em defesa própria. Este homem sério, observador sério e penetrante, para quem toda a violência, a revolução exclusiva, era algo impossível, dizia: "Por mais que quiséssemos aceitar de nós mesmos este pathos tão simples e tão valioso, o esgotamento da paciência dos homens a qualquer época, por mais que tratemos de opor-nos a este perigo pelo amor, pela violência, pela guerra, o perigo cresce dia a dia, hora a hora e há muito já que nos ameaça, e agora não nos deixando de nos mantermos nos nossos atuais embargamentos nos nos embaraços que se agitam furiosamente e ameaçam trazer-nos de um momento para outro. A revolução preparada, com o seu caráter de destruição de estruturas, não tem no nos amadurecer, com que se espera não há 20 anos e unicamente agitado fora toda a classe de artimanhas legais, mal-adidas e ignominiosas."

Esta é a situação na Rússia, isto é a situação na Rússia, se que na Rússia e por. O Brasil refere-se ao período revolucionário porque aqui necessitamos de mudanças radicais. O perigo cresce e a liberdade aproxima-se.

Antes de tarde, não nos empacemos que sempre os homens ovidos do poder e de riqueza que emendaram todos os esforços possíveis para apresentar a revolução política como uma questão Social, afim de continuar de massas do povo e não de deixar construir a nova sociedade baseada na liberdade e na justiça.

A religião ao Jado da tirania

A maioria das personalidades que se fazem manifestar, e de acordo com a nova Carta Magna do Reich, deve permitir que a Igreja Protestante cumpra a missão de que Jesus Cristo a encarregou, especialmente para com o povo alemão.

O Pastor Müller, por sua vez, publicou uma espécie de Mandamento, em que diz que a Igreja deve fornecer armas contra todo aquele que, por palavras ou atos, procure corromper o espírito cívico nacional e arreventa que os pastores deverão procurar por todos os meios lícitos para combater no mundo das consciências almas que exercem sua influência fora das fronteiras da Alemanha.

Quando nos afirmamos que as religiões não são apenas deuses que se mantêm em silêncio contra o povo para reprisar os ansiosos de não estar a de liberdade, surge a crítica barata de quem defende as fétidas religiões, ou as grandes religiões, ou a religião moral que nada tem que ver com a política e com os homens.

Mas olhando para todos os dias da vida em um país como o Brasil, que tem um Estado tão grande quanto o Brasil, que é impossível tocar em um assunto que não se encontre com o Estado, não há como não reconhecer que a religião é uma força que influencia a vida política e social dos cidadãos de todo o mundo.

# Combatamos os preconceitos

Entre os vários preconceitos que nos impedem de avançar em direção a uma sociedade mais justa e equitativa, um dos mais perniciosos é a intolerância religiosa. Durante muito tempo, as religiões foram usadas como ferramentas de opressão e dominação, criando barreiras intransponíveis entre diferentes grupos sociais. No entanto, é importante reconhecer que a verdadeira religião deve promover a fraternidade e o respeito mútuo, não a divisão e o conflito.

Os preconceitos religiosos são a base de muitos dos conflitos sociais que vemos hoje. Eles nos impedem de ver além das diferenças superficiais e de construir uma sociedade baseada na compreensão e na cooperação. É preciso lutar contra esses preconceitos, não apenas através da educação, mas também através da ação política. Somente através da luta coletiva podemos superar essas barreiras e alcançar a liberdade e a justiça para todos.

Os preconceitos religiosos são a base de muitos dos conflitos sociais que vemos hoje. Eles nos impedem de ver além das diferenças superficiais e de construir uma sociedade baseada na compreensão e na cooperação. É preciso lutar contra esses preconceitos, não apenas através da educação, mas também através da ação política. Somente através da luta coletiva podemos superar essas barreiras e alcançar a liberdade e a justiça para todos.

Naturalmente que, "as idéias de rebelião, iniciativa individual e solidariedade, são essenciais do anarquismo".

A primeira ideia é negativa e tem razão de ser no regime atual de tirania de exploração, recorda, porém que lá o disse, negativo de uma negação da autoridade material, da violência sistêmica que persegue a classe de trabalhadores e que tenta esmagar a humanidade um livro de quarto.

A segunda ideia, são afirmativas, criadoras. Tanto que a medida que se comemora uma vitória por um Estado cada dia mais poderoso, tem mais semelhança com uma sociedade de guerra, com uma sociedade de guerra.

Sem dúvida que chegará a uma situação onde o Estado, por pressão que hoje todavia lhe apresenta a peso.

Tal situação sucedendo a medida que essa lei da classe operária em sua maioria conhecida como "sistema de quotas", vão passando da condição de condições particulares que são presentes, a posição destituída de "monopólio" da máquina governamental.

É o que se produzirá sempre entre os governantes de ofício, com os últimos que chegaram ao poder.

Diz o autor que "logo após uma revolução social, o que se faz é abolir a propriedade privada e a herança, e a distribuição de bens em igualdade de condições para todos os cidadãos. Logo após a revolução social, o que se faz é abolir a propriedade privada e a herança, e a distribuição de bens em igualdade de condições para todos os cidadãos. Logo após a revolução social, o que se faz é abolir a propriedade privada e a herança, e a distribuição de bens em igualdade de condições para todos os cidadãos."

A segunda ideia, são afirmativas, criadoras. Tanto que a medida que se comemora uma vitória por um Estado cada dia mais poderoso, tem mais semelhança com uma sociedade de guerra, com uma sociedade de guerra.

Sem dúvida que chegará a uma situação onde o Estado, por pressão que hoje todavia lhe apresenta a peso.

Tal situação sucedendo a medida que essa lei da classe operária em sua maioria conhecida como "sistema de quotas", vão passando da condição de condições particulares que são presentes, a posição destituída de "monopólio" da máquina governamental.

É o que se produzirá sempre entre os governantes de ofício, com os últimos que chegaram ao poder.

Diz o autor que "logo após uma revolução social, o que se faz é abolir a propriedade privada e a herança, e a distribuição de bens em igualdade de condições para todos os cidadãos. Logo após a revolução social, o que se faz é abolir a propriedade privada e a herança, e a distribuição de bens em igualdade de condições para todos os cidadãos."

Seria um sonho bom o dos anarquistas, se o livro de Pontes de Miranda fosse um tratado de "arte da revolução social".

Entretanto que nos vemos privados de as ideias que ele nos oferece e o livro, e as sinagogas misturadas com o sacerdote da reforma política, com a sua vontade de mudar o mundo e com a sua lei.

Quando chegar o Judoísmo, já não será tanto um livro.

E, assim, a sua controvérsia, não conseguirá fazer crer que todos os seus desajustes foram corrigidos por meio das revoluções.

Na muito tempo que está semeada a desordem. E extraição planta esta situação-se ainda que nunca, com o sistema que ele viu depositando nos países da classe "intelectual" que esperam uma nova colheita, porque os judeus sociais-democratas não saltaram da mão desde 1918 a revolução proletária e a revolução do código penal.

Seja qual for o resultado da luta de libertação, não há como não reconhecer que a religião é uma força que influencia a vida política e social dos cidadãos de todo o mundo.

Quando nos afirmamos que as religiões não são apenas deuses que se mantêm em silêncio contra o povo para reprisar os ansiosos de não estar a de liberdade, surge a crítica barata de quem defende as fétidas religiões, ou as grandes religiões, ou a religião moral que nada tem que ver com a política e com os homens.

Mas olhando para todos os dias da vida em um país como o Brasil, que tem um Estado tão grande quanto o Brasil, que é impossível tocar em um assunto que não se encontre com o Estado, não há como não reconhecer que a religião é uma força que influencia a vida política e social dos cidadãos de todo o mundo.

A religião ao Jado da tirania

A maioria das personalidades que se fazem manifestar, e de acordo com a nova Carta Magna do Reich, deve permitir que a Igreja Protestante cumpra a missão de que Jesus Cristo a encarregou, especialmente para com o povo alemão.

O Pastor Müller, por sua vez, publicou uma espécie de Mandamento, em que diz que a Igreja deve fornecer armas contra todo aquele que, por palavras ou atos, procure corromper o espírito cívico nacional e arreventa que os pastores deverão procurar por todos os meios lícitos para combater no mundo das consciências almas que exercem sua influência fora das fronteiras da Alemanha.

Quando nos afirmamos que as religiões não são apenas deuses que se mantêm em silêncio contra o povo para reprisar os ansiosos de não estar a de liberdade, surge a crítica barata de quem defende as fétidas religiões, ou as grandes religiões, ou a religião moral que nada tem que ver com a política e com os homens.

Mas olhando para todos os dias da vida em um país como o Brasil, que tem um Estado tão grande quanto o Brasil, que é impossível tocar em um assunto que não se encontre com o Estado, não há como não reconhecer que a religião é uma força que influencia a vida política e social dos cidadãos de todo o mundo.







## Combater o fascismo é uma questão de dignidade humana

Ao Povo em Geral  
AOS ANTI-FASCISTAS DE TODAS AS TENDÊNCIAS

Como última arrancada do reacionarismo histórico e ultramontano, o fascismo ameaça o livre pensar, o desenvolvimento espiritual, o direito de viver.

Uma ação firme e enérgica, capaz de varrer essa larva peçonhenta e abismosa nas catacumbas romanas de onde surgiu esse monstro exterminador do progresso humano, se faz necessária.

Todos os jovens livres, todos aqueles que aspiram um sistema de bem estar e liberdade devem promover nas suas mais íntimas amizades como ordem do dia o combate ao fascio.

Jovens, se vós amais a liberdade e o progresso deveis terrar fileiras juntas aos jovens anti-fascistas afim de coordenar energias e realizar uma força inconcussa e viril, apta a garantir a liberdade de imprensa e de palavra, de pensamento e de organização, cujos direitos serão vedados, se todos os jovens, todos os que amam a liberdade, se mantiverem alheios ao desencadeamento destrutor que de cima vem e que será uma fatalidade.

**JOVENS E HOMENS DE TODAS AS TENDÊNCIAS, ALERTA!**

O fascio vai demonstrando seus métodos de raciocínio nos mais humildes e honestos povos, que gozam de uma parcela de liberdade e civismo.

Oh!... que horror! violação, crimes, prisão, deportação, privação de liberdade? Não, não, o fascismo não é a negação de um humano.

Homens de todas as tendências não o admitamos! Antes lutar nas barricadas e sucumbir em pró da liberdade e progresso.

Juventude proletária, livres pensadores, amantes da liberdade, alerta!

Os arremessos Hitleristas e Mussolinicos começam a se manifestar, ofendendo sordidamente a ocasião. Nalguns bairros desta grande metrópole movida por milhares de braços proletários, já os mensageiros do "duce" se embriagam no recrutamento dos "squadrists" a quem devem entregar a monstruosa camisa oliva e iniciar a matança, o incêndio e a destruição fazendo reviver o passado da Inquisição em pleno século XX.

Jovens livres, alerta! O fascismo é o início de uma invasão que reduzirá ao silêncio toda essa explosão de novas esperanças que vibra no jovem povo Brasileiro, e que será uma realidade se todos os que amam a liberdade não se organizarem numa avalanche forte e segura que faça respeitar a nossa liberdade e os nossos direitos.

Viva a Juventude Anti-fascista! Viva o jovem povo brasileiro! Viva a liberdade e o progresso. Morte ao fascismo!

Um grupo de jovens anti-fascistas.

**OS MANEJOS NAZISTAS, HITLERISTAS. — AGORA COMO DURANTE A GUERRA**

Os comerciantes estão recebendo circulares enviadas da Alemanha desmentindo as atrocidades cometidas pelos assaltos e assaltados de Hitler contra os judeus e contra os trabalhadores organizados: socialistas, comunistas e anarquistas, como também contra os intelectuais de vistas largas e de coração generoso.

Que estas circulares representem uma pura e simples mistificação está

na inteligência e no espírito arguto de todos que se não deixem embair com lágrimas de crocodilo, com desmentidos banais da horda troglodítica contra fatos autênticos vistos, narrados e constatados por homens de todos os partidos e de quem não se pode duvidar.

Mas nem isso era preciso. Simultaneamente com a chegada dessas circulares os jornais diários publicam os seguintes telegramas que são a prova formal, completa, iniludível do barbarismo que campeia naquele país merecedor de melhor destino.

Ora leiam e edifiquem-se:

"Berlim, 7 (H.) — O governo de Berlim ordenou a expulsão dos estudantes extremistas das universidades prussianas."

**"O PELOURINHO PARA QUEM INSULTAR HITLER"**

Berlim, 8 (H.) — Comunicam de Brunswick que os habitantes de uma povoação situada na montanha do Hars assistiram ontem a um espetáculo que nunca tinham presenciado: o aparecimento do pelourinho na praça do mercado local.

Os que montavam guarda à coluna

**Sabado, 12 de Agosto, no Salão da Federação Espanhola, haverá um festival pró A PLEBE, organizado pelos amigos da PROPAGANDA LIBERTARIA.**

**Os CONVITES podem ser desde já procurados, em nossa redação, e com os nossos amigos na sede da FEDERAÇÃO OPERARIA, à rua Quintino Bocayuva, 80**

### O Cinema-reproduz e gravará eternamente barbaridades Facistas-Nazistas

Têm os cinemas apresentado ao publico, num filme natural, as cenas estupidas da queima de livros na Alemanha, levada a efeito pelos adeptos do hitlerismo.

Como demonstração de imbecilidade e grosseria, nada se poderia ver de mais expressivo. Ao som dos hinos patrióticos, ao rufar dos tambores das tropas de assalto, e sob a direção de Goering, braço direito do ditador Hitler, montes e montes de livros eram arremessados às chamas, que os consumiam em rápidos momentos e os reduziam a cinzas.

E a um tal estado de barbárie é que querem os fascistas conduzir os povos! Em lugar de espalhar livros às mãos cheias, organizam-se fogueiras para queimá-los! Em lugar de os distribuir para que sirvam de veículo do saber e da ciência, levam-nos às chamas da moderna Inquisição!

Quantos séculos não decorreram, que de esforços não foram dispendidos, até que as obras do pensamento humano, as produções de tantas e tão rutilantes inteligências pudessem ser reproduzidas em quantidade tal e de tal forma que a sua difusão se tornasse fácil, e o seu conhecimento se generalizasse?

Necessários foram séculos e séculos de trabalhos pacientes, de tentativas cuidadosas, de aperfeiçoamentos sem conta, para que pudessemos ter hoje o livro, em que buscamos a recreação, a emoção e a cultura.

E' o livro o mais fácil transmissor do pensamento e o melhor propagador de idéas. E é por isto mesmo que

os bárbaros modernos os arremessam às chamas. E' que o temem, porque se expuser doutrinas que lhes são contrárias, poderão desmascará-los.

Conhecem bem, os fascistas, a força das idéas e dos seus princípios; por isso, evitam a sua divulgação. Usam da violência e do livre arbítrio; por isso, arreceiam-se do livro-cunja acusação, conquanto serena e calma, tem mais força do que as suas legiões e mais poder do que as suas armas.

E' desta forma que o fascismo pretende realizar uma nova civilização, que não passa de retrocesso, de volta às antigas e anacrônicas normas do vida.

Não será entretanto com a queima de livros, proibindo que obras literárias, artísticas e científicas, se publiquem e se leiam, que vós, ó fascistas de variadas cores e camisas de variados matizes, fareis enalhar o carro do progresso e sopitardes os impetos do povo ansioso de mais liberdade, mais justiça e equidade!

Podéis destruir a vontade e deprimir quanto quizerdes. Dominareis temporariamente e exercereis vossa influencia sobre os ignorantes e os incautos. Mas ainda existem, e sempre existirão, seres cujo ideal é mais nobre e mais humano.

Estes se tornarão os guardiães das conquistas já tão duramente alcançadas, e saberão transmitir aos pósteros, não uma herança constituida da vossa crueldade e da vossa injustiça, mas sim da idéa luminosa e ardente da Liberdade.

fatidica avisaram o povo de que seria amarrado o dia inteiro ao pelourinho todo aquele, homem ou mulher, que insultasse Hitler."

E por hoje basta.

Agora perguntamos: Quem merece mais crédito? Os telegramas vindos de Berlim, do palco dos acontecimentos e transmitidos por agências telegráficas, pelos representantes dos jornais através da censura, ou circulares puramente comerciais, derramadas em profusão unicamente pelo medo de perder o comércio, o mercado, a freguezia, a clientela, ante o horror dos crimes cometidos pelos modernos hunos germanicos?

Como são infantis certos alemães!

### Os anarquistas e o jornal "5 de Julho"

Alguem chamou-nos a atenção para umas errôneas afirmações que o semanario 5 de Julho, em seu numero de 12 de junho, expetorou a respeito de anarquismo e anarco-sindicalismo, e que efetivamente não podem, nem devem passar sem reparo e sem o necessario revide.

Em duas notícias o 5 de Julho mete os pés pelas mãos e desanda a escoucar. Nuns comentarios a um Congresso Sindicalista Cooperativista, a realizar-se em Niterói, o 5 de Julho estampa este periodo: "Ora quem se deixa embelescar pelas patacoadas ANARCO-FASCISTAS do cabotino Plinio Salgado, dá uma demonstração integral de pobreza mental sociológica e falta de cultura económica".

Mas este sr. do 5 de Julho perdeu o juizo, ou o freio, ou a tramontana!... Anarco-fascistas? Famoso, deixem-nos rir! São tão parecidos como o sol e a escuridão, como a luz e a sombra, como as trevas e a claridade, como o crime e a inocencia, como a beleza e a fealdade; como a liberdade e a escravidão. Aquilo foi distração com certeza do pontífice-mór do 5 de Julho. Foi um cochilo, foi grãfia tipográfica por falta de revisão cuidada. O que o diretor do 5 de Julho queria dizer era BOLCHEVISMO-FASCISTA, era COMUNISTA-FASCISTA. E isto não pôde admirar ao mais leigo nestes assuntos.

O mais insigne discípulo dos bolchevistas foi Mussolini. Os mesmos processos, a mesma violencia, a mesma falta de liberdade para aqueles que discordam, a mesma ausencia de garantias para os que não leem pelo mesmo a b c. Peguem em Mussolini, tirem-lhe a camisa preta, ponham-lhe uma vermelha e je-lo um perfeito bolchevista. Não há diferença de processos: há diferença de taboleta indumentaria apenas. E a prova é que Moscovia e Roma entendem-se perfeitamente, apertam-se mutuamente as mãos e entram em combinações e conchavos morais, internacionais, comerciais.

Mas tem mais. Numa noticia relativa às eleições para a Constituinte e para as quais apresentou a sua candidatura, o 5 de Julho embeate de novo com o anarquismo dizendo: "à vista das missangas doutrinaarias do sr. Plinio Salgado, pilhadas um pouco por toda a parte até no velho anarquismo modelo 1910. A critica que o chefe integralista Plinio Salgado faz à democracia é uma repetição incongruente da velha critica dos anarco-

sindicalistas em fastigio ai pelo ano de 1910".

Velho anarquismo modelo 1910? Al está uma novidade para nós que somos anarquistas ha mais de 30 anos e que, em nosso parecer, achamos que o anarquismo não sendo tão moderno como o bolchevismo pseudo comunista, ainda não teve tempo de envelhecer nem de mudar de figurino como o infavel diretor de o 5 de Julho que, de 1910 para cá, tem passado pelas mais diversas metamorfoses politicas desde a sindicalista à bolchevista e à de simples politiquero, apresentando a sua candidatura à Constituinte e gastando muita saliva em concitar os trabalhadores a elegê-lo.

O anarquismo é uma peça inteira que não muda de figurino como se muda de camisa, que não abandonou a concha anterior a 1910 para adotar modelo 1917 vindo da Moscovia ou outro qualquer mais recente. O anarquismo está onde sempre esteve: na estacada, batendo-se pelo máximo de liberdades para todos e pelo mínimo de compressões, de autoritarismos, de injustiças enquanto não chega a hora de as extirpar pela raiz, de as arrancar inteiramente, de as suprimir completamente.

Anarquistas e anarco-sindicalistas não prestam porque repudiam todo o principio de autoridade e porque não vão na onda favorecendo, com o seu voto as ambições do primeiro politicoide que lhes solicita. Não prestam porque acham que mandar e obedecer incapacita os homens para o exercicio de sua livre autonomia e para o jogo livre de todas as suas faculdades criadoras. E' por isso que o 5 de Julho não deixa de os escoucear.

Mas lá diz o ditado: vozes de burro não chegam ao céu.

### OS ANARQUISTAS

Presentemente, o anarquista é um homem de peleja, como será amanhã de trabalho fecundo em todos os sentidos. A peleja para eles é uma necessidade filha da convicção. A paz, a quietude, é alguma coisa assim como enfermidade, e quem adoece corre o perigo de morrer.

Pouco lhes importa a victoria ou a derrota no sentido vulgar da palavra. O essencial é pelejar contra o dogma e a impostura, contra o vicio e o roubo, contra o ódio e a vingança: o anarquista supera sempre tudo isto, porque existe só com a condição de ser um inimigo verdadeiro destas lacras humanas. O seu triunfo consiste em destrui-las.

Um anarquista num cenáculo literario: um anarquista que deixa de pelejar e combater contra o ódio e a inveja para aninhá-los em seu peito seria uma coisa comparavel a um indio que de repente apparecesse no meio da sua tribu de sapatos de verniz e de camisa engomada.

O anarquista é um homem franco que tem um culto religioso pela liberdade; não só pela sua, mas pela liberdade de todos, por isso combate e pugna sempre fazendo avançar a liberdade. Esse é o seu fim.

O anarquista não é um ser de transações ou de arranjos mais ou menos, de subtilidades diplomaticas. Ele quer um mundo livre e igualdade de direitos e deveres e avança para ele pouco a pouco ou rapidamente conforme as suas forças ou as circunstancias lho permitam. Com ele, porém, não ha composição nenhuma que o possa deter: luta, afirma, trabalha, cai, levanta-se. Avança.

Amã a vida como a uma noiva e sabe que da obra do seu amor fecundo hade nascer um novo tipo. A sua ação e o seu pensamento são o par que gerará o homem livre de amanhã, que fará cantar, a vida com voz de pedra e de cristal.

Anarquistas! Na atualidade, sejamos em nossas pugnas contra o estado e o burguezes diamantes para curtas e produzir luz. Luz para a nossa vida de combatentes contra o mal de homens cravados no solo em frente à vida porque a queremos livre.

VONTADE